

Notas de Pesquisa

Arqueologia do planalto sul-rio-grandense: as casas subterrâneas de São Marcos

The archaeology of the uplands of Rio Grande do Sul: the pit-houses of São Marcos

Pedro Ignácio Schmitz¹

anchietano@unisinos.br

Jairo Henrique Rogge

rogge@unisinos.br

André Osório Rosa

aosorio@pop.com.br

Introdução

No ano de 2003 teve início o projeto de pesquisa arqueológica denominado “Casas subterrâneas em São Marcos, RS”, que vem sendo executado até o presente momento pela equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas, representada pelos pesquisadores que assinam essa nota e por vários bolsistas de Iniciação Científica. A área de abrangência do projeto envolve a maior parte do município de São Marcos e uma pequena porção de Caxias do Sul, particularmente o distrito de Criúva. É delimitada pelas coordenadas geográficas 28° 50' e 29° 00' de latitude sul e 51° 00' e 51° 10' de longitude oeste, conformando uma área de aproximadamente 400 km² que se caracteriza em parte por um relevo bastante acidentado relacionado aos vales encaixados do alto curso do rio das Antas e alguns afluentes, com abundante vegetação florestal, onde as cotas altimétricas vão de 300 m a cerca de 700 m e áreas mais aplanadas, campestres, com cotas entre 800 m e 900 m de altitude acima do nível do mar.

Objetivos e marcos conceituais

Os objetivos do projeto podem ser colocados em dois âmbitos, que são ao mesmo tempo concomitantes e conseqüentes. Um dos objetivos está relacionado com a produção de um conhecimento científico sobre a ocupação dessa área do planalto

¹Bolsista de Produtividade
CNPq, Coordenador do Pro-
jeto e diretor do Instituto
Anchietano de Pesquisas.

por populações portadoras da tradição Taquara/Itararé, buscando compreender a variabilidade dos sítios na área de São Marcos, com vistas a entender sua função e sua história no conjunto do povoamento pré-histórico e assim compreender o sistema de assentamento por elas constituído na área em que ocorrem as chamadas *casas subterrâneas*.

O outro objetivo é o de produzir uma “memória” e um “patrimônio” para as populações que estão ligadas com os sítios ou porque ocupam as terras em que os mesmos se encontram, ou porque os consideram “assunto de seus antepassados”. Com isso se buscou também contribuir para a preservação dos sítios.

O marco conceitual mais importante envolve a noção de sistema de assentamento, compreendido como a articulação das unidades mínimas de análise, os sítios arqueológicos, em toda sua variabilidade, entre si e com a paisagem na qual eles se inserem, formando um sistema que funciona “organizado pelas inter-relações entre as unidades [...] (no qual) as unidades existem como um ‘todo’ que é maior que a soma de suas partes” (Ellen, 1982, p. 178).

Metodologia da pesquisa

A metodologia empregada para alcançar os objetivos propostos consistiu no levantamento e na caracterização de todos os sítios dentro da área delimitada, estudando seus elementos formais, de conteúdo cultural e de inserção no ambiente, sua função e sua história. As primeiras questões foram abordadas através de métodos e técnicas conhecidas de campo e laboratório, que implica levantamentos e prospecções, através de coletas superficiais sistemáticas, sondagens estratigráficas e, por fim, escavações em áreas amplas, bem como o estudo dos vestígios resgatados nessas etapas por meio de técnicas analíticas voltadas ao registro lítico e cerâmico.

A última questão, qual seja a “história” dos sítios, envolveu a observação e compreensão dos processos de formação do registro arqueológico e o olhar e tratamento dado a eles por parte da população atual, especialmente daqueles proprietários de terra onde os sítios estão localizados. Neste caso, foi recorrente o uso de entrevistas informais.

Breve história da pesquisa no planalto sul-brasileiro

As pesquisas arqueológicas no planalto sul-brasileiro tiveram início efetivo a partir da segunda metade da década de 1960, com trabalhos independentes de Schmitz, La Salvia, Basile Becker, entre outros, principalmente na região de Caxias do Sul, RS (Schmitz *et al.*, 1988), e com pesquisas vinculadas ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), na região nordeste do Esta-

do (Miller, 1971). Ao mesmo tempo, e também vinculadas ao PRONAPA, pesquisas eram feitas no planalto catarinense (Piazza, 1969) e paranaense (Chmyz, 1968).

Nas décadas de 1970 e 1980, a arqueologia do planalto passa por um considerável crescimento, especialmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com as pesquisas coordenadas por Mentz Ribeiro, Schmitz e Kern, no primeiro Estado, e por Reis, no segundo. Em 1988, Schmitz publica a primeira síntese importante sobre a tradição Taquara (Schmitz, 1988), mostrando a produção de conhecimento e as problemáticas de pesquisa identificadas até então.

A partir de 1998, após 10 anos de relativa estagnação, as pesquisas arqueológicas no planalto sul-rio-grandense tomam novo impulso, a partir dos trabalhos realizados pelo Instituto Anchietano de Pesquisas (Schmitz *et al.*, 2002; Schmitz e Rogge, 2004; Corteletti, 2007) e pelo Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da UFRGS (Copé, 1999). Também no planalto catarinense as pesquisas ganham fôlego, especialmente nos trabalhos vinculados à arqueologia de contrato, além de pesquisas pontuais no planalto paulista. Essa nova produção fomenta a ocorrência dos primeiros encontros específicos sobre a arqueologia do planalto, no Rio Grande do Sul (Schmitz, 2002; Milder, 2005) e em Santa Catarina (De Masi, 2006), além de uma nova síntese (Beber, 2005).

Resultados parciais

O Projeto “Casas subterrâneas em São Marcos, RS” representa, em grande medida, uma ampliação das pesquisas realizadas no município vizinho de Vacaria (Schmitz *et al.*, 2002), incorporando novas abordagens, buscando informações complementares na arqueologia e na etnohistória e testando o modelo anteriormente produzido. A pesquisa em São Marcos investe em levantamentos de área mais amplos e densos, buscando a caracterização dos assentamentos, de seu entorno e da implantação no ambiente e procura conhecer a história recente dos sítios e o sentido que eles têm para os moradores atuais. Uma síntese dos resultados parciais foi feita em Schmitz e Rogge (2004).

Com isso foi possível determinar diferentes tipos de sítios, entre aqueles com casas subterrâneas e com cerâmica da tradição Taquara, sítios superficiais com ou sem essa mesma cerâmica, montículos funerários e abrigos rochosos com sepultamentos, todos atribuídos a uma mesma cultura arqueológica e relacionados aos Kaingang históricos.

De 2003 até o presente momento, foram localizados 51 sítios, sendo 18 somente com casas subterrâneas; oito com casas subterrâneas e montículos funerários; oito somente com montículos funerários; oito sítios líticos super-

ficiais; dois sítios superficiais lito-cerâmicos e sete abrigos com sepultamentos. Sete sítios receberam intervenções maiores, por meio de escavações totais ou parciais, enquanto que em outros foram feitas apenas coletas superficiais sistemáticas.

Foram feitas duas datações radiocarbônicas em casas subterrâneas de um dos sítios escavados, fornecendo datas do século XVIII. No entanto, as mesmas são duvidosas, em função do intenso uso da área para cultivos recentes, inclusive queimadas.

A relativa diversidade de tipos de assentamentos bem como a variação de formas e tamanhos das estruturas parecem mostrar um complexo sistema de ocupação regional, envolvendo locais de habitação, com casas subterrâneas e aldeias a céu aberto, locais de sepultamento, seja em montículos ou em abrigos rochosos e locais de extração de matéria-prima e produção primária de instrumentos líticos.

As pesquisas até agora realizadas, incluindo aí o conhecimento produzido no Projeto Vacaria, demonstram que os sítios com casas subterrâneas ou com estas e montículos funerários formam aldeias nas quais as estruturas são predominantemente diacrônicas, sucedendo-se em uma ou poucas unidades de cada vez, durante várias gerações. É possível perceber, dentro de algumas casas escavadas, a existência de áreas de atividades específicas, como preparação de alimentos ou produção e manutenção de instrumentos líticos, que podem corresponder tanto a atividades femininas como masculinas, indicando uma ocupação produzida por pequenos núcleos familiares. Por outro lado, escavações nas áreas externas às casas mostram que muitas atividades eram também aí desenvolvidas.

Em pelo menos um caso, um sítio superficial apresentando seis concentrações de artefatos líticos e cerâmicos poderia conformar uma aldeia a céu aberto, mas não foi possível conhecer sua cronologia nem se possuía alguma relação com uma aldeia com casas subterrâneas a cerca de 100 m de distância. No entanto, outros sítios superficiais encontrados, que mostram apenas material lítico esparsos, poderiam estar relacionados com áreas de captação de matéria-prima rochosa e produção de determinados tipos de artefatos, ou mesmo áreas de cultivo. Novamente estas hipóteses, bem como as relações destes assentamentos com as aldeias com casas subterrâneas, ainda aguardam confirmação ou refutação, dependendo de trabalhos mais específicos.

Os sepultamentos humanos, certamente relacionados a essas populações, são encontrados comumente em abrigos rochosos, caracterizados como fendas em paredões basálticos em locais de difícil acesso. Porém, há uma quantidade significativa de montículos, associados ou não à presen-

ça de casas subterrâneas, que são provavelmente túmulos, embora escavações em dois deles não fornecessem evidências diretas, sendo pressupostas a partir de informações oriundas de fontes históricas (Mabilde, 1983).

Com relação ao olhar dos habitantes atuais sobre o patrimônio arqueológico, até o momento somente foram transcritas fitas cassete com 11 entrevistas, ou “conversas” informais. No entanto, é possível perceber, de uma maneira geral, a existência de uma memória, de certa forma estilizada e padronizada, sobre a presença indígena na região e sobre os vestígios materiais mais impactantes, sobretudo os “buracos” ou “ocas” e as “painéis de barro”, memória essa que se torna viva por meio de histórias passadas através das diferentes gerações de imigrantes, principalmente de origem italiana. Por outro lado, isso não impede que muitos sítios e suas estruturas sejam perturbados ou mesmo destruídos em função das atividades agrícolas, que fundamentam a economia local.

As pesquisas realizadas em São Marcos estão ainda em desenvolvimento, com novos sítios sendo localizados e sua cultura material sendo analisada, mas já produziram uma quantidade de informações novas e importantes, assim como novas problemáticas. Associadas aos trabalhos desenvolvidos em outras áreas do planalto sul-rio-grandense e catarinense, mostram um quadro bastante complexo para a ocupação das terras altas do sul do Brasil por populações portadoras da tradição Taquara/Itararé, associadas à família lingüística Jê, quadro este que está apenas começando a ser vislumbrado.

Referências

- BEBER, M.V. 2005. O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da tradição Taquara. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, 10:5-125.
- CHMYZ, I. 1968. Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no estado do Paraná. *Pesquisas, Antropologia*, 18:115-125.
- COPÉ, S. M. 1999. Arqueologia pré-histórica do planalto: os grupos ceramistas da tradição Taquara. *Revista do CEPA*, 23(29):180-188.
- CORTELETTI, R. 2007. *Casas subterrâneas em Caxias do Sul: conservação, distribuição e implantação*. São Leopoldo, RS Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 187 p.
- DE MASI, M.A.N. (org.). 2006. *Xokleng 2860 a. C.: As terras altas do sul do Brasil*. Tubarão, Ed. UNISUL. 218 p.
- ELLEN, R. 1982. *Environment, Subsistence and System*. Cambridge, Cambridge University Press, 324 p.
- MABILDE, P.B. 1983. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos matos da província do Rio Grande do Sul: 1836-1866*. São Paulo, IBRASA, 232 p.
- MILDER, S.E.S. (org.). 2005. *Primeiro Colóquio sobre Sítios Construídos: Casas Subterrâneas*. Santa Maria, Pallotti, 214 p.

- MILLER, E.T. 1971. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, (PRONAPA 4), 15:37-60.
- PIAZZA, W. F. 1969. A área arqueológica dos campos de Lages. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, (PRONAPA 3), 13:63-69.
- SCHMITZ, P.I. 1988. As tradições ceramistas do planalto brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, 2:75-130.
- SCHMITZ, P.I. (org.). 2002. Casas subterrâneas nas terras altas do sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, 58:1-175.
- SCHMITZ, P.I. e ROGGE J.H. 2004. Dados e reflexões para o sistema de assentamento de populações ceramistas do planalto do Rio Grande do Sul. *Revista de Arqueologia*, 17:101-115.
- SCHMITZ, P.I.; BASILE BECKER, I.I.; LA SÁLVIA, F.; LAZZAROTTO, D. e MENTZ RIBEIRO, P.A. 1988. Pesquisas sobre a tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, 2:5-74.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; ROSA, A.O.; BEBER, M.V.; MAUHS, J. e ARNT, F.V. 2002. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no planalto rio-grandense. *Pesquisas, Antropologia*, 58:11-105.
- Submetido em: 25/05/2007
Aceito em: 28/05/2007

Pedro Ignácio Schmitz
Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS
Rua Brasil, 725, 93001-970
São Leopoldo, RS, Brasil

Jairo Henrique Rogge
Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS
Rua Brasil, 725, 93001-970
São Leopoldo, RS, Brasil

André Osório Rosa
Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS
Rua Brasil, 725, 93001-970
São Leopoldo, RS, Brasil